

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 03 de novembro de 2010

Texto de referência: “Viver é a memória de Mim”, Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação (La Thuile 2010), suplemento de Passos n. 120 (out/2010).

- *Canto “Il viaggio”*
- *Canto “Lágrima”*

- *Glória*

Carrón: Quero começar a Escola de Comunidade de hoje com duas cartas que chegaram. A primeira diz assim: “Fiquei muito tocado com a última Escola de Comunidade. Uma coisa em particular que você disse me feriu. Achei que a ferida fecharia, que no fundo pudesse encontrar uma maneira de escondê-la ou esquecê-la como outras vezes, mas desta vez não consegui e por isso lhe escrevo. Respondendo a primeira pessoa que se colocou, você disse que diante das circunstâncias dolorosas, das provas da vida [eu estava lendo uma carta enviada] não bastam as experiências vividas em outras ocasiões, nem a certeza de que sem a Ressurreição nada teria sentido [porque isso não demonstra a Ressurreição], não é suficiente rezar porque podemos rezar como se Cristo não tivesse ressuscitado [aqui resume aquilo que dizia a carta: não era exatamente assim, mas substancialmente, sim]. Você disse que precisamos do juízo e que o juízo é o reconhecimento de um fato. Até aqui, estava absolutamente de acordo, concordava com cada palavra que você dizia, mas depois você disse algo que senti como completamente estranho ao discurso. Você disse: “Não basta tudo isso, é preciso a fé”. A fé? Pensei: “O que a fé tem a ver?”. Fiquei chocado. Não entendi nada. Eu pensava que a fé chegasse no fim do percurso, depois de ter dado todos os juízos sobre as coisas e sobre a experiência, depois de ter usado a liberdade. Então, como conclusão do raciocínio, vem a fé. Em tudo aquilo que você disse nos Exercícios da Fraternidade e que li muitas vezes, não aprendi nada; também estava naquele grupo, naquele ‘clube’: só agora começa a nascer em mim a hipótese de que a fé começa nos fatos e que o desafio da liberdade e da vida já está ali e que devo aprender aquilo que pensava que já sabia. Devo dizer que é um pouco difícil admitir que você sempre teve razão sobre isso e que eu sempre estive equivocado, mas agora não tenho mais desculpas. Então lhe peço, como uma criança, que me explique o A-B-C. Além do mais, acho que estou em boa companhia, o clube já está bem cheio”.

Por que volto a este assunto? Porque me impressiona a dificuldade que emergiu nas últimas Escolas de Comunidade, como se no fundo tivéssemos a necessidade de uma resposta em última instância sentimental, tanto é verdade que quando eu respondi com um fato, muitas pessoas não acharam que a resposta fosse adequada à necessidade que têm. Eu lhes digo: se a pessoa que vocês mais amam estivesse doente, o que seria melhor para vocês? Que eu os consolasse ou que eu lhes dissesse que foi descoberto um remédio que pode curá-la? Qual é a resposta mais correspondente? Qual é a caridade maior? Qual é a resposta mais adequada à nossa necessidade? Uma boa consolação? Uma boa explicação da doença? Ou o anúncio de que aquela doença foi derrotada e que existe a possibilidade de viver de outra maneira? E isto, o anúncio deste fato, foi o que tentei fazer diante daquelas perguntas que surgiam. Não de modo abstrato, mas falando da Ressurreição de Cristo – que é “o” fato – não como um evento do passado, mas ajudando-os a reconhecer aqueles fatos que documentam “agora” a Ressurreição: através das mudanças descritas nos testemunhos que tínhamos escutado antes. Eu não precisava lhes explicar a coisa, mas apenas ajudá-los a ver aquilo que estava acontecendo ali, a ver que a única explicação daqueles fatos é a Sua presença. Se a pessoa não reconhece isso, é preciso fazer toda uma explicação, é preciso acrescentar palavras e mais palavras. No último encontro, minha tentativa metodológica quis dizer isto: “Vocês se dão conta daquilo que

ouvimos? Vocês percebem que todas essas coisas que ouvimos não existiriam se Cristo não estivesse ‘aqui e agora’?”.

Essa última observação responde a outra carta: “Como é possível que o fato de ter visto não se torne uma devota recordação e, portanto, ainda um esforço meu para que permaneça aquilo que aconteceu? Porque me interessa essa contemporaneidade, me interessa experimentar hoje que certos rostos são o sinal da Sua presença, a qual dei a vida, me interessa que certo lugar é o lugar da memória não porque está escrito, mas porque acontece diante dos meus olhos”.

Por isso, o que falta é a fé não separada dos fatos, a fé como reconhecimento da origem daqueles fatos dos quais eu sou testemunha. Senão, nem mesmo aquilo que acontece diante dos nossos olhos nos ajuda, porque nós o reduzimos. Reduzimos o sinal da Sua presença, o sinal em que se documenta a Sua presença. Dom Giussani sempre nos disse isso, com toda simplicidade: qual é o sinal da Sua presença? “É, se opera”. O critério é muito simples: é, se opera. Se eu O vejo em ação, este é o testemunho mais evidente que existe. E por isso a resposta à nossa necessidade está nesse reconhecimento, que não é a tentativa de imaginar ou de sentir ou de explicar, mas o reconhecimento simples da Sua presença.

Por isso é necessária a simplicidade documentada nesta outra carta: “Há dois anos, quando estive em Freiburg para estudar, conheci uma garota alemã de quem fiquei muito amigo. Ela nasceu e foi criada em Berlim. Diz-se atea, uma pessoa com mil interesses que a levaram a girar o mundo fazendo as mais diversas experiências. Quando eu voltei para a Itália e ela para Berlim, entre mil dificuldades e distrações, a amizade continuou e se intensificou, e no último verão eu a convidei para as férias que fazemos com alguns grupos de Fraternidade. Ela não só milagrosamente aceitou, mas, uma vez ali, logo foi conquistada e provocada por tudo o que via, a ponto de derrotar todos os meus temores sobre o fato de que sendo alemã ela não poderia entender algumas coisas. Depois, voltou para Berlim para fazer um trabalho que a deixou quase incomunicável até poucas semanas atrás. Quando nos falamos novamente, ela me disse que um dos desejos que nasceram naquele verão, para que continuasse aquilo que tinha visto, era o de ler a Bíblia, e que para fazer isso tinha ido a uma igreja protestante que conhecia. Eu fiquei sinceramente desanimado, porque me parecia que ela estava mudando o método inventando coisas para fazer ao invés de seguir com simplicidade aquilo que tinha acontecido. Porém, não quis interrompê-la, pensando que, melhor que isso, eu poderia ajudá-la a dar um juízo sobre aquilo que tinha visto. Na sexta-feira nos falamos. A primeira coisa que ela me disse foi: ‘O que vi na igreja protestante foi muito importante porque me fez entender melhor o que vi neste verão e como pode ser diferente o que se quer dizer com a palavra fé’. Depois me explicou que naquela igreja tinha percebido que o pastor focava tudo sobre o sentimento, e comentou: ‘Quando voltamos para casa não há nada a fazer a não ser seguir de maneira passiva aquilo que o pastor disse para fazer’. Ao contrário, o que tinha visto nas férias era muito diferente: amigos que tentam se ajudar mutuamente em seu próprio caminho de fé, usando a razão e sem que ninguém se substitua ao outro. E concluiu: ‘Entendi que aquilo que vocês tentam fazer é um caminho humano de fé’ [cumprimentos a esta jovem]. Essas palavras fizeram meu coração disparar, porque ouvi você repetir isso muitas vezes, mas tenho certeza de que minha amiga nunca as ouviu. Fiquei impressionado em ver como uma pessoa nova – que carrega tantas experiências e uma disponibilidade que a torna atenta àquilo que vê – tenha imediatamente percebido o traço inconfundível da nossa companhia: a exaltação do humano e o uso radical da razão. Ela não conseguiu encontrar outras palavras para descrever o que viveu, a não ser aquelas ditas, reconheceu como correspondentes e conseguiu usá-las como ponto de comparação com aquilo que viveu logo em seguida, demonstrando que se trata realmente de algo único e não reproduzível ao bel prazer. Para mim, foi uma imensa provocação que me leva a desejar aprofundar o conhecimento daquilo que a minha amiga reconheceu com tanta facilidade [é fácil!]. E nisso tudo, domina a gratidão por Aquele que me doou imerecidamente também o relacionamento com essa amiga como ocasião imprevisível de memória d’Ele”. Não é um esforço da imaginação. Repito: um testemunho como “ocasião imprevisível de memória d’Ele”.

Colocação: *Minha mãe está muito doente, e quanto mais o tempo passa mais essa situação piora. Ela sofre de depressão e conto a vocês porque é algo que já dura muitos anos, é algo que me faz sofrer muito e toda a minha família também. A situação é muito difícil. Ontem, nos falamos por telefone (não falava com ela há cerca de dois meses) e foi a enésima discussão, a enésima vez que me jogou na cara uma série de coisas muito difíceis para eu administrar. Quando terminei esse telefonema de maneira realmente ruim, fiquei impressionada como nunca tinha ficado, porque me encontrava com uma alegria, uma paz e uma serenidade ao olhar para ela, para sua doença e para como estou começando a me perguntar o que isto quer dizer para mim. A primeira coisa que pensei foi: na quarta-feira preciso dizer ao Carrón e a todos que Jesus é verdadeiro e que é um fato. E é uma coisa que eu nunca disse na minha vida dessa maneira tão simples. E eu digo que é Jesus porque não é uma coisa que vem de mim, eu não sou capaz de me dar esta serenidade de olhar. Tudo isso nasceu apenas do trabalho da Escola de Comunidade. Eu encontrei o Movimento na universidade, mas não é que alguma vez tenha levado a sério o trabalho pessoal. Em cinco anos, eu o fiz – sei lá – três vezes.*

Carrón: Não é mal como um recorde!

Colocação: *Uma boa média! Eu me formei em maio e comecei a trabalhar. Passo vinte minutos no ônibus a caminho do trabalho e, por moralismo, disse: “Sou de CL, então vou usar esses vinte minutos para fazer Escola de Comunidade” (é belíssimo que, depois, o Senhor usa tudo...). Comecei a fazer Escola de Comunidade assim, e a cada dia fico mais impressionada porque a cada dia que passa não consigo mais ficar sem fazer este trabalho porque faz com que eu me dê conta das coisas que eu já tenho diante de mim, e que não olharia dessa maneira.*

Carrón: Ou seja, do quê você está se dando conta?

Colocação: *Está fazendo com que eu me dê conta da presença de Jesus, e que tudo é dado.*

Carrón: Obrigado.

Carrón: Não esqueçam que eu lhes fiz duas perguntas. O que mudou em nós lendo a palestra de La Thuile? Como concebemos a comunhão e a companhia e o que quer dizer a memória, o que nos fez companhia?

Colocação: *Nestas duas semanas, trabalhando sobre essas perguntas, percebi que está começando a mudar a concepção de companhia, porque diante dos testemunhos percebo que você propõe um caminho que é possível para mim. Então, a companhia e a comunhão é o fato de que eu, durante o dia, naquilo que acontece, indo para o trabalho, encontrando o colega, posso dizer “Tu” e pode começar para mim um caminho novo gritando isso ao mundo.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Durante esses dias vivi uma experiência que quero verificar com você e que traz uma pergunta. Meu pai adoeceu aparentemente de gripe. Com o passar dos dias apareceram sintomas estranhos, preocupantes, a ponto de sábado eu ter comprado uma passagem de avião para ir passar o domingo e a segunda-feira ajudando minha irmã. E viajei com três desejos. O primeiro era o de convencer meu pai a se internar em um hospital (eles já tinham sugerido isso, mas ele não quis). O segundo, era convencê-lo a contratar, pelo menos durante a doença, uma cuidadora para ajudar minha mãe que não é muito auto-suficiente (também lhe tinham proposto isso, mas ele era contra). O terceiro desejo grande e oculto era convidá-lo a fazer as pazes com Jesus porque há muito tempo ele não frequentava a Igreja. Chegando lá, aproveitei a ocasião: “Vim para lhe dizer três coisas”, e lhe disse as três. Ao primeiro pedido, me disse não (porém, logo entendi que eu deveria esperar um pouco, ter paciência e conseguiria convencê-lo). O segundo, ele aceitou. A terceira proposta foi como um parto, porque concretamente era a primeira vez que eu lhe exprimia esse desejo secreto do meu coração – não sei se é uma heresia, mas acho que o Paraíso, sem aquela cabeça dura do meu pai, não seria suficientemente bonito nem para mim nem para minha mãe e minha irmã –. Ele me pediu que explicasse melhor e eu disse: “Aceite que os outros rezem pelo senhor, e também poderia se encontrar com um padre para se confessar”, e ele não me disse nem sim nem não. Acrescentei que era a coisa que eu achava mais importante, e parei por aí.*

Depois, chorei escondido, porém feliz por ter conseguido lhe dizer essas coisas, e rezei a Nosso Senhor para abraçá-lo cada vez mais forte. No decorrer do dia me dei conta de que ele estava realmente mal, e que precisava ser internado logo. Então, fui até ele e disse que precisava se tratar e ponto. E, ao fazer isso, entendi uma coisa: que os três desejos que eu tinha não eram diferentes, quer dizer, que aceitar ir ao hospital, isto é, aceitar a realidade, era o primeiro modo de se reconciliar com Jesus. O juízo é que é a mesma coisa dizer sim a Jesus e às circunstâncias. Se meu pai tivesse dito: “Sim, me confesso”, e depois não quisesse se cuidar... Gostaria que você me dissesse se este juízo é verdadeiro. E a pergunta é: é humano dizer “Se reconcilie com Jesus porque me ama”, ou seja, eu não serei feliz se o senhor não se reconciliar com Ele, que, no fim, é a mesma coisa que eu disse a ele: “Vá se tratar porque me ama e eu não serei feliz se o senhor não se deixar tratar”?

Carrón: Como tentativa é boa. A questão é que é preciso passar pela liberdade de seu pai. A questão é: o que você testemunhou a ele, que movimento você fez para facilitar a questão? Essa é a questão. Obrigado.

Carrón: Por favor, respondam às perguntas.

Colocação: *Há quinze dias você leu a carta de Marta e da conversa que teve com seu pai e, a um certo ponto, você falou que ela dizia: “Amo tudo da vida, não eliminaria nada”. O que me fez companhia nestes quinze dias foi Marta com esta afirmação e você, que disse que precisou fazer o trabalho que nos pede diante do caixão de seu pai. Por que me fez companhia? Eu me perguntei do quê Marta poderia tirar motivo para dizer uma coisa assim e então me vi obrigada a fazer um trabalho. Você também disse, leu, que de manhã ela dizia: “Eu sou Tu que me fazes”. Para mim, isso sempre soou como um slogan distante da minha vida, algo formal. Porém, o desafio para mim nestes quinze dias foi entender a origem: como alguém pode dizer uma coisa assim sabendo que vai morrer, como alguém pode dizer uma coisa assim diante do pai morto? Então, o maior desafio é: como eu posso dizer esta frase a mim mesma, quando eu eliminaria da minha vida muitos de seus episódios? E a descoberta desses quinze dias foi que conheci quem é Cristo para mim, quer dizer, eu O encontrei de novo através dos desafios que você nos faz várias vezes, eu O vi como a coisa mais correspondente. E a coisa mais impressionante é que eu também comecei a amar a minha vida não como um queijo com buracos, mas inteira, porque ela me foi dada por Cristo desde a origem e eu sei quem é Cristo para mim.*

Carrón: O que você fez para que isso mudasse?

Colocação: *Precisei olhar aquilo que sou realmente, aquilo que realiza meu coração agora, e é Ele, o Seu olhar.*

Carrón: Nas palestras de La Thuile, retomando a questão do olhar – olharmo-nos como Deus nos olha ou olharmo-nos como nós nos olhamos –, enfrentamos um ponto decisivo. Pois, como nós nos olhamos normalmente? Refazer o percurso que se fez, verificar todos os erros que cometeu, todas as ocasiões que perdeu, todas as ocasiões em que a vida não funcionou: esta é a modalidade com a qual, normalmente, somos olhados na sociedade. Nosso valor está naquilo que, no fim, conseguimos fazer, nosso valor depende da nossa capacidade, e como muitas vezes não somos capazes – como ela disse – então ficamos sempre presos neste ponto. O que entrou de novo na vida? Para Zaqueu, o que entrou em sua vida? Ele também poderia ter feito a relação de tudo o que tinha feito de errado. Mas o que aconteceu? Um raciocínio a mais? Uma mudança do estado de espírito? Um pensamento a mais? Mais imaginação? Não, aconteceu um fato, Alguém que olhou para ele e isso – dissemos no livreto – investiu toda a sua pessoa. Tentei provocá-los a se identificarem com aquele momento em que nos sentimos olhados, nos sentimos investidos por uma luz nova, uma emoção nova. Este instante antes, que é um fato, nós o podemos deixar entrar ou não quando olhamos a vida. Porque a pessoa pode começar a relacionar tudo e os cálculos não batem. Então, o que prevaleceu em Zaqueu (assim como em João e André) foi o fato de ter sido conquistado por um olhar que predominou sobre todas as análises. E essa é a comunhão: deixar entrar esta novidade, esta luz nova, este olhar novo, este juízo novo em nós. E não tem nada a ver com o que possa ter ocorrido conosco, ao contrário, quanto mais coisas aconteceram, mais nos maravilhamos que um

olhar possa ser tão potentemente vencedor e que nada, absolutamente nada, nenhuma dor, nenhum erro possa vencer! O que acontece? O problema, diz Dom Giussani, é que no cotidiano, nós esquecemos esse acontecimento que mudou nossa vida. Diz que o nosso problema é que falta a existencialidade da memória, isto é, que este olhar permaneça ao nos defrontarmos com tudo. Se ele não permanece, prevalece ainda o outro olhar, é uma “grande fraqueza existencial do sentimento de pertencer”. Mas, se eu digo agora: “Eu pertenço a ti, Cristo”, esta escolha de campo me poupa da análise. Isso me poupa da análise, entendem? E este é um juízo sintético que está dentro do fato do olhar de Jesus a Zaqueu (porque o juízo de Jesus sobre Zaqueu era completamente de estima). Esse olhar lhe poupou toda a análise de todos os erros que tinha cometido. Por isso, este juízo é a libertação! Este juízo é um olhar, é um fato que eu jamais poderia imaginar (tanto é verdade que muito frequentemente continuamos fazendo análises ao invés de reconhecer isso). Sem que isso se torne familiar como olhar, nós não deixamos entrar a novidade da fé. E sem a novidade da fé – essa novidade que começou a se manifestar em uma Presença histórica que nos olhou desse modo – nós somos como todos, não porque O neguemos, mas porque não está existencialmente presente no nosso olhar. Por isso, o que é a comunhão? A comunhão é essa novidade que entra na vida exatamente através de uma presença. Dizemos, no final do livreto, na página 60: “É cedendo a Ele [como foi para Zaqueu] que é gerada a nossa unidade, a nossa comunhão. Como foi desde o início, quando, cedendo a Ele, cada um daqueles doze que Jesus chamou gerou a primeira comunhão cristã. Não haverá outra origem – nunca! – para uma comunhão cristã!”. Esta é uma escolha de campo, porque é um fato, um encontro imprevisto, imprevisível. Mas que alguém volte a este olhar, que alguém o reconheça novamente quando o encontra e que alguém o acolha novamente quando lhe é dito, esta é uma decisão da liberdade.

Carrón: Bem-vindo de volta, você acolheu esta decisão, este olhar, ou não?

Colocação: *O ponto é o seguinte. Estou com muita raiva por causa de um único motivo, porque a fé, para mim, morreu com a morte de minha mãe, com as cinzas de minha mãe. E não há fato maior, para mim não há fato maior. E essa questão do olhar que você disse, não me interessa, está bem?*

Carrón: É uma escolha. Você pode fazê-la, esta é a sua grandeza. Zaqueu também, quando Jesus lhe disse: “Zaqueu, desça da árvore que vou à sua casa”, poderia ter dito: “Não me interessa aquilo que você me diz”.

Colocação: *Por que você quer me convidar para ir à sua casa? Você é Jesus?*

Carrón: Não, não sou Jesus, não sou tão estúpido a ponto de pensar que sou Jesus. Eu lhe digo que este olhar chegou a nós através da pobre gente que somos, e que este olhar é a possibilidade para cada um de nós, assim como para você, de poder olhar tudo não sozinho como um cão.

Colocação: *Então, praticamente, este olhar é um fato?*

Carrón: É um fato, sim. É um fato. Como eu estar olhando para você agora: é um fato. Como para Zaqueu: é um fato. E se torna presente agora, tanto é verdade que você pode recusá-lo, pode negá-lo outra vez. Eu estou lhe dizendo isso novamente e você, diante deste fato que está acontecendo diante dos seus olhos – agora! –, pode continuar dizendo: “Não o aceito”. É seu direito fazê-lo. Você continua a negar este fato, mas está acontecendo diante de você agora, como na primeira vez.

Colocação: *E qual é a libertação? Do que me liberta?*

Carrón: Você pode continuar...

Colocação: *Ressuscita a minha mãe? Não!*

Carrón: Pode continuar a dizer todas essas coisas, mas, como lhe perguntei há um mês, você pode assegurar que aquilo que você diz é tudo? Que não existe a possibilidade de que possa acontecer outra coisa?

Colocação: *E que outra coisa deve acontecer? Já é uma catástrofe! O que deve acontecer?*

Carrón: Esta é a questão. Você pode dizer que já conhece tudo? Essa é a sua presunção: você acha que conhece tudo e não deixa aberta a possibilidade que toda pessoa inteligente deve deixar aberta. Porque a categoria da possibilidade é a coisa mais razoável. Mas, para isso, é necessário estar minimamente disponível. E por isso, se você não está minimamente disponível...

Colocação: *Então, amanhã de manhã quando for ao hospital por causa da minha doença devo manter aberta a possibilidade? Devo fazer isso?*

Carrón: Sim.

Colocação: *Devo dizer: “Há esta possibilidade de grandeza maior”?*

Carrón: Sim. Até olhar a própria doença, é possível. Muitas pessoas vivem a mesma situação que a sua com verdadeira gratidão. Está claro? Existe a sua liberdade, amigo, a sua liberdade! Agora todos viram você, agora é a sua liberdade que deve decidir. Basta. Porque nenhum de nós pode poupar a liberdade ao outro. Através do método absolutamente frágil que é a nossa presença, este anúncio é dirigido a cada um de nós, como há dois mil anos. Nós dissemos isso no Dia de Início de Ano: nenhum fato que aconteça, mesmo o mais extraordinário, poderá me mudar se eu não estiver disponível, nem mesmo se eu vir um morto ressuscitar. Nosso amigo torna manifesta a possibilidade que está a espreita em cada um de nós. Ele tem a coragem de dizê-lo, às vezes teimosamente, mas é uma possibilidade para cada um! Essa escolha de campo diz respeito a cada um. Em particular, quando chegam os momentos cruciais da vida, com toda a sua dramaticidade, cada um deve fazer esta escolha. Mas não de maneira não razoável! Este é o caminho da fé: quando alguém faz um caminho humano pode chegar a afirmar que o “sim” a Cristo é a escolha mais razoável que existe para dar razão dos fatos diante dos quais, por graça, fomos testemunhas.

AVISOS:

A partir da próxima Escola de Comunidade, sem “fechar” o livreto de La Thuile, começaremos o capítulo sobre “O Sacrifício” do livro de Dom Giussani, *É possível viver assim?*

Todos os anos apoiamos dois gestos de caridade que são de grande importância:

- O Dia Nacional da Coleta de Alimentos, que acontecerá [na Itália] no dia 27 de novembro, organizada pela Fundação Banco Alimentar;
- A Campanha Tendas, da AVSI, que este ano terá como título “As forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem”, em prol de projetos, sobretudo educativos, de ajuda à América Latina (Haiti e Chile), África (Quênia, Sudão e Uganda) e Líbano.

São duas ocasiões esplêndidas para testemunhar aquilo que temos de mais querido, compartilhando as necessidades de muitas pessoas. São muitas as pessoas que encontramos que respondem espontaneamente a este gesto e que se envolvem conosco por um ímpeto de generosidade e gratuidade. Estando juntos durante o Dia da Coleta ou durante as iniciativas das Tendas, podemos testemunhar a origem, a razão profunda desses gestos que nos educam muito mais à caridade do que mil discursos. Sem a consciência da origem, como vimos no capítulo da Escola de Comunidade sobre a caridade, esses gestos perdem toda a sua importância, que é comunicar o olhar que ajuda a viver. Não se trata de colar uma etiqueta ao gesto, de “colar” Jesus: através do modo como vivemos estes gestos, podemos testemunhar a origem e ajudar os outros a perceberem a origem daquilo que fazemos. Não queremos fazer algo que não deixe marcas, mas que possa servir para um a mais para a pessoa que o faz, porque sabemos que precisamos de algo mais do que um gesto de generosidade (que, porém, é precioso). Através da Coleta e das Tendas podemos introduzir a algo de outro: que a necessidade é maior e que nós estamos ali pela gratidão de ter encontrado a resposta a essa necessidade. Nós estaremos ali por isso: não para preencher o vazio com um gesto generoso, mas por gratidão por aquilo que encontramos.

Deixar que se percam esses dois momentos educativos para nossas comunidades seria realmente um pecado.

- *Veni Sancte Spiritus*